



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

IDO MÁRIO CARINTON

**O RITUAL DO POVO Brame/MANCANHA DA GUINÉ-BISSAU:
UM ESTUDO SOBRE FANADO DE KA-TCHAÇA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

IDO MÁRIO CARINTON

**O RITUAL DO POVO BRAME/MANCANHA DA GUINÉ-BISSAU:
UM ESTUDO SOBRE FANADO DE KA-TCHAÇA**

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras – Campus dos Malês, como parte dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Humanidades.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

IDO MÁRIO CARINTON

**O RITUAL DO POVO BRAME/MANCANHA DA GUINÉ-BISSAU:
UM ESTUDO SOBRE FANADO DE KA-TCHAÇA**

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras – Campus dos Malês, como parte dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 18/08/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Palermo Buti/UNILAB (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Profa. Dra. Ana Cláudia Gomes de Souza/UNILAB (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Ismael Tcham/UNILAB (Examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
JUSTIFICATIVA	6
OBJETIVO GERAL.....	7
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7
HIPÓTESES.....	7
PROBLEMATIZAÇÃO	8
REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
Ritual como categoria de análise	8
O ritual de Ka-tchaça	9
CRONOGRAMA	13
REFERÊNCIAS	14

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende estudar a realidade sociocultural do povo Brame/Mancanha da Guiné-Bissau, com foco específico a prática do ritual do fanado de *Katchaca*. A Guiné-Bissau se encontra situada na costa ocidental da África, com uma área específica de 36.125 km². O país faz fronteira com o Senegal, ao norte e ao sul com a República da Guiné-Conakry e ao oeste é banhado pelo Oceano-Atlântico. O país conseguiu a sua Independência em 24 de setembro de 1973, mediante uma luta armada de libertação nacional contra o jugo colonial português, que durou mais de onze anos. Administrativamente, a Guiné-Bissau está repartida em oito regiões, a saber: Região de Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabu, Oio, Quinara e Tombali e mais o Sector Autónomo de Bissau.

Diante disso, segundo Fonseca (1997), percebe-se que o povo Mancanha encontra-se maioritariamente na região de Cacheu, concretamente no sector de Bula e secção de Có. Sendo assim, conforme os dados do censo de 1979, vê-se que em toda a região de Cacheu habitam 6955 indivíduos do povo Mancanha, de modo que o sector de Bula constitui a zona de maior concentração do povo em questão (FONSECA, 1997, p. 13).

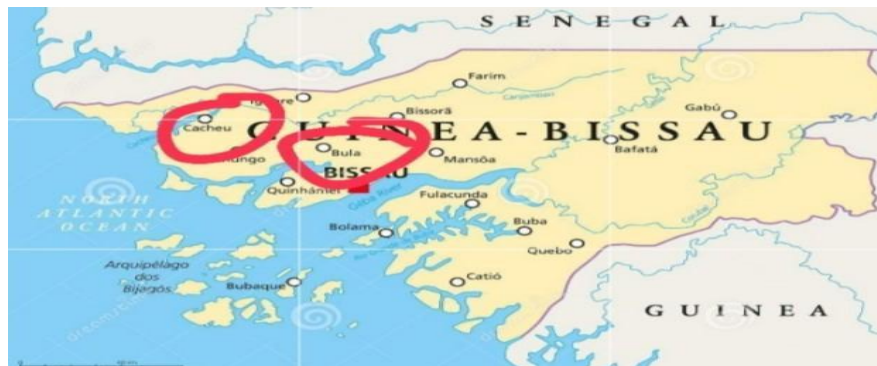


Figura 1- Situação geográfica da Guiné-Bissau. Em vermelho, a região de Cacheu, o sector onde se concentra o povo Mancanha.

No que diz respeito à organização social, a sociedade Mancanha se estrutura da seguinte maneira, conforme Fonseca (1997): régulo - considerado a autoridade máxima da sociedade (política, jurídica e religiosa); suplente de régulo - função subsequente ao régulo na estrutura hierárquica. Bandjanhãs - os braços direitos do régulo; Bansughãs - representantes do régulo em cada comunidade; Povo - elementos que fazem parte desse grupo (Fonseca, 1997, p. 60-62).



Figura 2- Ilustra o atual régulo de Bula com *Bandjanhãs* (seu braço direito) e *Bansughãs* (seu representante) em diferentes aldeias de Bula. Fonte: Foto tirado por Natelé Kandety.

Conforme este mesmo autor, os nomes Mancanha e Bula são resultado de relações matrimoniais estabelecidas em tempos remotos por filhos(as) de dois reis inimigos: um fula e outro mandinga. Da mulher do rei fula nasceu Brahima, e da do rei mandinga nasceu *Mbula*. Com o tempo, o jovem Brahima apaixonou-se pela jovem Mbula. Como os seus pais eram inimigos, eles sabiam que estes nunca aceitariam a sua união. Nessas condições, para poderem casar-se, decidiram fugir. Após uma longa caminhada, chegaram a uma região fértil. Longe da cólera dos pais e conscientes de estar em segurança, ficaram a viver ali. Este lugar hoje se chama Bula. Da sua união nasceu Emancanha. O nome foi considerado muito distinto pelos Brame.

Os primeiros europeus, sobretudo os comerciantes que chegaram a estes lugares, deram-se conta que quase todos os Mancanha levavam esse nome, e habituaram-se a chamá-los de Mancanha. Assim, o nome impôs-se como designação de um grupo social Mancanha. Diante disso, os *Bahulas* são considerados os povos Mancanha originários do setor de Bula, *Baú* quando se refere os de setor de C6 (Idem, 1997, p. 7-8).

Por conseguinte, a respeito do povo em debate, Fonseca (1997) sustenta que os meios de subsistência dos Mancanha baseiam-se em diferentes variedades de milho, sendo as principais o *ussamp* e o *madj*, este, o que constitui o seu principal alimento. Também, o uso do arroz é relativamente recente, e a mancarra é o produto mais recente de todos. (Idem, 1997, p. 64).

JUSTIFICATIVA

Meu interesse de pesquisar esta temática surgiu quando assisti presencialmente o ritual de fanado *Ka-tchaca* em Bula, de modo que, assistir este ritual e o fato de pertencer ao grupo

social em análise, constituem os motivos de torná-lo tema pesquisa. Nesta sequência, a decisão de abordar este assunto foi decorrência do meu ingresso na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), quando tive a oportunidade de ler o trabalho feito por Domingos da Fonseca, sob o título "Os Mancanha". Isso me serviu de inspiração para dar seguimento à produção bibliográfica sobre os Mancanha, compreendendo a relevância acadêmica o tema.

Ademais, a ênfase no ritual de fanado *Ka-tchaca* é uma forma de contribuir para os estudos sobre rituais, esta, uma importante agenda de pesquisa na história das Ciências Sociais. A descrição e análise sobre o *Ka-tchaca* permitirá uma melhor compreensão sobre as especificidades do fanado na Guiné Bissau, pratica está realizada por diferentes grupos étnicos no país. Por conseguinte, o projeto poderá contribuir para a expansão do conhecimento sobre a cultura desse povo e para a sociedade guineense.

OBJETIVO GERAL

- Compreender a concepção de ritual de fanado Ka-tchaça do povo Mancanha de Bula, e a sua relação com o mundo dos vivos e dos mortos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender a concepção do povo Mancanha sobre o ritual do fanado Ka-tchaça
- Indagar as condições necessárias para participar desse ritual
- Investigar como, quando e onde se realiza o ritual do fanado Ka-tchaça
- Analisar a relação existente entre o ritual de fanado Ka-tchaça com a vida e morte

HIPÓTESES

Partimos da hipótese que ritual de fanado *Ka-tchaça*, na concepção do povo Mancanha, constitui basicamente o meio de ajudar a pessoa a conhecer a sua história e a sua cultura, com vista a adquirir a maioria social e religiosa perante a comunidade, se tornando adulto, equilibrado e membro responsável. No entanto, só deve participar desse ritual a pessoa pertencente a este povo que já passou por circuncisão *kassamp*¹ e atingir no máximo maioria de 31 anos de idade. Tradicionalmente esse ritual acontece no mês de abril e maio

¹ Kassamp significa circuncisão.

num *bdunghal*² na mata sagrada. O ritual do fanado *Ka-tchaça* possui uma relação com a vida e morte, uma vez que ao cumprir este ritual, lhe permite celebrar as cerimónias indispensáveis dos ancestrais, e se morrer passará a ter o mesmo privilégio adquirido ao mundo visível.

PROBLEMATIZAÇÃO

- Qual é a concepção do povo Mancanha sobre o ritual do fanado Ka-tchaça?
- Quem deve participar desse ritual?
- Quando e onde se realiza o ritual de fanado Ka-tchaça?
- Qual é a relação de fanado Ka-tchaça com a vida e morte?

REFERENCIAL TEÓRICO

Ritual como categoria de análise

Conforme Rodolpho (2004) “os rituais podem ser uma ferramenta conceitual importante para a compreensão e interpretação de determinado grupo social, de seus valores e suas crenças (RODOLPHO, 2004)”. Ao desenvolver o trabalho sobre a realidade sociocultural de ritual de fanado do povo Mancanha, faz-se necessário trazer o debate sobre o conceito de ritual, com vista a auxiliar, enquadrar e esclarecer da melhor forma possível a pesquisa em questão.

Na perspectiva de Douglas (2010), o ritual focaliza a atenção, anima a memória e liga o presente com o passado relevante. Em tudo isto ajuda a percepção, ou melhor, muda a percepção porque muda os princípios seletivos. Esta autora demonstra que o ritual não somente nos ajuda a selecionar a experiência para concentrar a atenção, mas, também, é criativo quanto ao nível de desempenho. Pois, um símbolo exterior pode misteriosamente ajudar a coordenação do cérebro e do corpo (DOUGLAS, 2010, p. 81).

Em conformidade com Peirano (2003), compreende-se que o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. É constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). Esta autora também explica que a ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos: no sentido

² Bdunghal é a árvore onde acontece esse ritual chamado Baobá.

pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento; no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação (PEIRANO, 2003, p. 11).

De acordo com Turner (1974), “entende-se que o ato ritual é uma manifestação povoada de simbologias e representações que podem estar associadas a uma cosmogonia ou aos aspectos diretamente ligados ao cotidiano da sociedade”. Na ótica de Van Gennep (2011), compreende-se que os ritos podem assumir determinadas classificações, mais precisamente dezesseis possibilidades de classificação, sendo assim podemos perceber isso uma vez que os ritos são um conjunto de gestos, símbolos, que também estão relacionados com a morte. Ainda, ressalta que os ritos podem ser simpáticos e de contágio, diretos e indiretos, bem como positivos e negativos. Os ritos simpáticos se pautam na perspectiva da ação de objetos que possuem certa relação ou proximidade; já os de contágio se baseiam na materialidade e na transmissibilidade, isto é, à distância, das qualidades naturais ou adquiridas (VAN GENNEP, 2011, p. 2).

O ritual de Ka-tchaça

Segundo Fonseca (1997), no contexto tradicional dos Mancanha, este rito é relacionado com a nova vida, com o renascimento para uma vida superior, mais dinâmica e poderosa. Nesta perspectiva, o *Ka-tchaça* é um sistema educativo que tem como objetivo a integração progressiva do indivíduo no seu meio, ajudando-o a conhecer a sua história e a sua cultura com vista a fazer dele uma pessoa equilibrada e adulta, membro responsável da sua comunidade. Em outras palavras, leva-o a adquirir uma identidade própria que seja à base da fidelidade e do engajamento perseverante à toda a prova.

Salienta este autor que o *Ka-tchaça* constitui um processo de integração sociocultural e religiosa necessária à vivência histórica nas comunidades e à observância dos códigos que as regem, nomeadamente no que se refere aos direitos e deveres na construção da pessoa mancanha. Também cultiva um interesse maior por conhecer a própria cultura, condição necessária para uma integração social harmoniosa da qual resulta a formação da personalidade. E põe o homem em contato com o transcendente, revela-lhe parte do sagrado os mistérios e sacraliza-o, ela comporta uma tríplice revelação do sagrado, da morte, e da sexualidade (FONSECA, 1997, p. 32).

Por outro lado, no que diz respeito à realização de ritual em análise, Fonseca (1997) acrescenta que no dia da realização deste ritual, ocorrido tradicionalmente ao fim da tarde, o rei do *Ka-tchaça* é o primeiro a entrar no recinto sagrado, acompanhado só do homem *badjem*: que significa o homem mais velho. No dia seguinte entram os outros em função do seu lugar de procedência. De madrugada, os fanados chegam à casa dos seus parentes maternos, onde sacrificam uma galinha e comem uma refeição familiar para sacramentar o enterro do umbigo, isto é, a sua restituição à mãe.

No dia seguinte à entrada no reino do régulo, os jovens vão a casa do seu pai ou tutor. Entram numa palhota onde lhes é servida de joelhos uma ligeira refeição sagrada à base de milho ou de arroz regada com óleo de palma e leite. São servidos por rapazinhos escolhidos para ocasião. Após esta colação sagrada, é-lhes proibido falar com as pessoas que estão à sua volta. São despedidos das suas roupas e vestem uma espécie de tanga de pele de cabra.

Além disso, o autor demonstra que finda esta etapa, cada um sai da sua casa, formam-se pequenos grupos e parte-se em procissão para o mato sem tornar a olhar para trás. Antes de entrar no recinto sagrado, para uma estadia de dois ou três meses, detêm-se ao pé de um *bdungal*, onde um após o outro entoam um cântico à sua escolha, seguidamente um membro da família apresenta-se com uma cabaça de arroz cozido. O jovem põe-se de joelhos e o enviado da família oferece-lhe um bocado de arroz. Trata-se do rito de degustar alimento sagrado. Após este rito, entra-se no recinto sagrado. Cada um tem o seu padrinho que cuida da sua alimentação e pode falar com ele fora do recinto sagrado. A guisa de toailete contentar-se-á apenas de tempos em tempos com besuntar o corpo com óleo de palma (FONSECA, 1997, p. 33-34).

Nesta senda, Fonseca (1997) salienta que no dia da saída os padrinhos despem a tanga aos seus afilhados e estes se dirigem completamente nus para uma *bolanha*, residência do gênio do *Ka-tchaça*. O oficiante do gênio aproxima-se com um ramo de palmeira, mergulha-o na água e asperge os jovens fanados, pois eles são obrigados a lutar uns aos outros para esquentar o corpo. Esta aspersão sagrada autoriza-os a tomar um banho completo. Depois são conduzidos a um vale na margem de um curso da água, põem-se em círculos e após terem gritado três vezes, vão, atiram-se à água e procedem a uma lavagem minuciosa.

À tarde dirigem-se em procissão, nus, para um local escolhido onde, na presença de alguns privilegiados-padrinhos e outros íntimos – tem lugar o ritual de adereço. As roupas são enfeitadas com contas coloridas e guizos. A isto irá acrescentar-se a pele de cabra curtida ornada

também de contas e guizos. Quando todo o mundo está pronto, dirigem-se a cidade, onde toda a Bula espera com alegria e entusiasmo. É a festa de encerramento.

À cabeça do cortejo coloca-se o chamado de rei, originário de *Bota*, em *Bipu*³, e após ele o mais velho da promoção, que foi o primeiro a entrar com o rei, e que desempenhou a função de líder da cerimônia. Os fanados seguem em fila indiana levando na mão um chifre de gazela de ponta aguçada que cada um mantém apontado às costas do que vai à sua frente para servir de segurança, uma vez que não podem ser atravessados pelas mulheres e nem podem ser tocados. Por isso que aqueles chifres são uma arma para fazer respeitar a presciência, e depois vão seguindo os passos dos padrinhos até o lugar apropriado de fazer as corridas para pegar a água sagrada, que será sempre sua proteção em toda vida religiosa Mancanha e vencedor dessa corrida terá que ser considerado o mais poderoso e com uma reputação incrível no meio do grupo, após da corrida ocorre o processo de dança e cada fanado é obrigado cantar música sua, e no dia seguinte vão para casa do régulo que é o chefe máximo dos Mancanha para registrar o momento e, também para realizar a última cerimônia para fechar a realização do ritual.



Figura 3- Ilustra o atual regulo e os fanados. Foto tirado por Natelé Kandety.

Sendo assim, a composição do cortejo é estritamente hierarquizada à imagem das tabancas que compõem o reino de Bula. Nesse período, a saída do mato é uma festa que celebra um triplo nascimento: nascimento à comunidade da tabanca, renovada nos seus valores fundadores; nascimento de uma geração e nova linha da tradição e, por último; nascimento de cada membro situado na sua geração e na comunidade segundo a autêntica tradição. As festas

³ Bipu é uma aldeia do sector de bula povoado pelos Mancanha.

de fanado exprimem coletivamente a consciência do grupo e todos os seus valores fundadores (FONSECA, 1997, p. 35).

METODOLOGIA

O projeto de pesquisa terá viés qualitativo e exploratório. Goldenberg (1997) considera que as pesquisas qualitativas que não se preocupam com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social e de uma organização (GOLDENBERG, 1997, p. 34). Gil (2016), por sua vez, entende que "as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias". São desenvolvidas com o objetivo de pronunciar uma visão geral a respeito de determinado assunto. (GIL, 2016, p. 27).

Tomando como referência a dimensão qualitativa e exploratória do projeto, pretende-se conjugar pesquisa bibliográfica e etnográfica sobre o tema dos rituais do fanado com foco na *Ka-tchaça*. Conforme Marconi (2015, p. 43), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada sobre determinado tema, em forma de livros, revistas, produção acadêmica, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto. Já Oliveira (1995) pontua que a etnografia caracteriza-se por três momentos estratégicos: olhar, ouvir e escrever. O Olhar e o Ouvir são considerados como os atos cognitivos fundamentais no trabalho de campo, por estarem implicados na relação de atenção e imersão junto aos interlocutores de pesquisa. Já o ato de escrever consuma a configuração final do produto, trazendo para o texto a dimensão do vivido nas experiências etnográficas. (OLIVEIRA, p. 15-18).

Por isso, será realizada pesquisa de campo em Guiné-Bissau, especificamente no setor de Bula, no sexto semestre do curso de licenciatura em Ciências Sociais. Na realização de pesquisa de campo iremos usar o método da entrevista semiestruturada, e a entrevista será realizada em três aldeias de Bula, entre as quais: aldeia de *Nino*, *Cacok* e *Puchuki*, nas quais iremos entrevistar 6 anciões, dois em cada aldeia, 15 pessoas que já participaram de ritual fanado de *Ka-tchaça* e 5 em cada aldeia. Buscaremos, também, desde o início da pesquisa, articular contatos e conversas com os interlocutores de pesquisa através do uso de mails e redes sociais.

Acerca da entrevista semiestruturada, Triviños (1987, p. 146) salienta que a mesma tem como característica questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das

respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

CRONOGRAMA

ATIVIDADES	SEMESTRES			
	1	2	3	4
Revisão Bibliográfica	X	X	--	--
Pesquisa de campo	--	--	X	--
Análise dos dados	--	X	X	X
Escrita do TCC	--	--	X	X
Defesa do TCC	--	--	--	X

REFERÊNCIAS

- AUGEL, M. O desafio do escombros: nação, identidades e pos-colonialíssimo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: GaramondLtda, 2007.
- BERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. A. (Orgs.). O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p.117-42.
- CARREIRA, António, “A etnonímia dos povos de entre a Gâmbia e o estuário Jbidem, p.8”.
- DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. 2.ed. São Paulo: perspectiva, 2010 Frumi, Cailene, and Kátia Lilian SedrezCelich. "O olhar do idoso frente ao envelhecimento e à morte." Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano 3.2 (2006)
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6.ed.-7. Reimpr. -São Paulo: Atlas, 2016.
- FONSECA, Domingos da. Os Mancanha. Editora- Ku Si Mon. Bairro de Ajuda 1 Fase. C. P. 268. Guiné-Bissau. Ano-1997.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. Unicamp. 1995.
- GENNEP, A. V. Os ritos de passagem. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia. O método de história de vida em pesquisas sobre auto percepção de pessoas com necessidades educacionais especiais. 2009
- GOMES, Romeu. “Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG.). Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 79-107.
- LIGIÉRO, Zeca. *Performance e Antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- LIMA-MESQUITELA, Augusto; MARTINEZ, Benito; FILHO, João Lopes. Introdução à antropologia cultural. Lisboa: Editorial Presença, 1991.
- MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia de trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos- 7.ed.rev.ampl. São Paulo: Atlas, 2015.225p.
- MINAYO, M. C. S.; MINAYO-GOMÉZ, C. Difíceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. In: GOLDEN
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, Escrever. Unicamp. 1995.

PEIRANO, M. (Org.). Rituais ontem e hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

RODOLPHO, A. L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 138-146 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TURNER, Victor. O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura. São Paulo: Vozes, 1974.